

ISCTE  **IUL**
Instituto Universitário de Lisboa

Departamento de Sociologia

Motivações, trajectórias e avaliação de cursos profissionais de nível IV:
Estudo de caso de uma escola profissional da Área Metropolitana de Lisboa

Fernando Manuel da Conceição Augusto

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Educação e Sociedade

Orientadora

Doutora Teresa de Jesus Seabra de Almeida, Professora Auxiliar

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro de 2012

RESUMO

O ensino profissional tem vindo a assumir em Portugal um papel cada vez maior. A importância crescente deste tipo de ensino levou a que se realizasse este estudo de caso numa escola profissional na Área Metropolitana de Lisboa, tendo como objectivo central analisar o percurso escolar dos alunos, nos três anos de escolaridade do curso, as suas motivações e expectativas em relação à escola e ao ensino ministrado. Para o efeito foi estruturado e lançado um inquérito por questionário às turmas de quatro dos cursos profissionais, existentes na escola estudada. Os cursos escolhidos eram os únicos que possuíam, à data do estudo, alunos nos três anos de escolaridade.

As reprovações anteriores ao ensino profissional, comuns à maior parte dos alunos inquiridos, bem como a quantidade de módulos que afirmam ter em atraso, não são impedimento à sua continuação em estudar.

A análise dos resultados finais de fim de ano lectivo (que inclui o universo dos alunos e não apenas os que responderam ao questionário) permite verificar que muitos alunos continuam com bastantes módulos em atraso, o que indicia que os alunos do ensino profissional desta escola sentem dificuldades no seu percurso académico.

Tudo isto, no entanto, não obsta que estes alunos se mostrem motivados para a finalização dos seus cursos, talvez por sentirem que esta é a sua última oportunidade para obterem uma qualificação, que lhes possibilite uma eventual entrada no mercado de trabalho.

Palavras-chave – ensino profissional, motivações e expectativas

ABSTRACT

Vocational education is assuming an increase role in Portugal. The growing importance of this type of education has led us to this case study carried out in a vocational school at Lisbon Metropolitan Area. The main objective was to analyze the school career of the pupils in the three different years of schooling, in particular, their motivations and expectations about school and teaching. To this end it was structured and launched a survey to the four classes of vocational courses available at the school. The courses chosen were the ones that, at the time of the study, had students in the three grades.

Most of the enquired students have an academic history of failures, including in the vocational education, where most of them claim to have modules of the courses in delay. Yet students show motivation to finish their attending courses.

The analysis of the final records in the end of the school year (which includes the universe of students, not just those who answered the survey) shows that many students still have many modules in delay, which indicates that students of vocational education of this school feel difficulties in their academic career.

Despite these records, the students are motivated to finish with success their courses, because perhaps they see this as their last opportunity to acquire proper skills to succeed in the labor market.

Keywords – professional education, motivations and expectations

Agradecimentos

“O astrónomo pode falar-vos da sua concepção de espaço, mas não pode oferecer-vos o seu entendimento.

O músico pode cantar-vos o ritmo que se encontra no espaço inteiro, mas não vos pode dar o ouvido que capta o ritmo, nem a voz que o repercute.

E aquele que é versado na ciência do número pode esclarecer as regiões dos pesos e das medidas, mas não pode conduzir-vos até lá”

Quase trinta anos após a conclusão da licenciatura voltei a embarcar nesta “viagem” pelo mundo da sociologia, trazendo sempre comigo o escritor Khalil Gibran, o autor da obra de onde foi extraído o texto inicial.

E nesta minha “viagem” quero começar por agradecer aos meus colegas de turma, principalmente no 1º ano. Que grupo!

A todos os professores das unidades curriculares pelas janelas que abriram sobre novas “paisagens”.

À direcção da escola em que realizei este trabalho, bem como a alguns dos seus professores, dos quais destaco a profª Ana Albuquerque, incedível na sua ajuda.

À minha orientadora Doutora Teresa Seabra, sempre disponível para ajudar os seus alunos a descobrirem novos rumos para os seus trabalhos.

Por último à minha família nuclear, a Luísa, o André e a Catarina. Que paciência para me aturarem nestes dois anos.

A todos quero deixar o meu muito obrigado.

Índice

INTRODUÇÃO	9
1. SENTIDOS E PERCURSOS NO ENSINO PROFISSIONAL	13
2. ENSINO PROFISSIONAL EM PORTUGAL	17
2.1 Breve história do seu reaparecimento – legislação e razões	17
2.2 O ensino profissional no secundário versus o ensino regular	19
2.3 Características do ensino profissional.....	22
3. METODOLOGIA	25
4. O ESTUDO DE CASO	29
4.1 Preâmbulo	29
4.2 Dados gerais sobre os 4 cursos seleccionados	29
4.3 Resultados obtidos no inquérito por questionário.....	31
4.3.1 Perfil dos alunos respondentes	31
4.3.2 Percorso escolar dos alunos anterior à sua entrada no ensino profissional e durante o mesmo.....	32
4.3.3 Expectativas em relação ao seu futuro	38
4.4 Análise dos dados recolhidos na escola	40
CONCLUSÕES.....	43
BIBLIOGRAFIA	47
ANEXOS	51

INDICE DE FIGURAS

Figura 1. Evolução dos alunos por tipo de ensino.	18
---	-----------

INDICE DE TABELAS

Tabela 1 Questionário - Identificação dos objectivos e expectativas dos alunos	26
Tabela 2 Alunos inscritos no ano lectivo 2011/2012 – alunos que responderam ao inquérito.....	30
Tabela 3 Disciplinas e módulos por curso/ano	31
Tabela 4 Distribuição dos alunos inquiridos por sexo e curso	31
Tabela 5 Habilitações académicas do pai e da mãe dos alunos	32
Tabela 6 Presença do encarregado de educação nas reuniões na escola.....	32
Tabela 7 Reprovações anteriores à entrada no ensino profissional.....	33
Tabela 8 Principal razão que levou à reprovação antes do ensino profissional	33
Tabela 9 Grau de preparação dos alunos à entrada no ensino profissional	34
Tabela 10 Grau de dificuldade à entrada no ensino profissional	34
Tabela 11 O curso corresponde à expectativa inicial dos alunos	35
Tabela 12 Módulos em atraso por ano de escolaridade	35
Tabela 13 Forma de recuperação dos módulos em atraso	36
Tabela 14 Importância dos professores na motivação e sucesso escolar dos alunos	36
Tabela 15 Importância do coordenador de curso para os alunos	37
Tabela 16 Importância do estágio curricular (FCT)	37
Tabela 17 Aconselharia o seu curso a um amigo	38
Tabela 18 Razão da escolha do curso	39
Tabela 19 Após a conclusão espera vir a trabalhar na área	39
Tabela 20 Acha que vai terminar o curso	40
Tabela 21 Módulos em atraso no final do ano lectivo 2011/2012, por curso e ano de escolaridade	41
Tabela 22 Matrículas no 3º ano de escolaridade, por curso	42

“ O processo educativo é o comportamento que mais marca o quotidiano das nossas vidas, e é o mais quotidiano dos processos que orienta o nosso agir “ (Iturra, 2009: 6)

INTRODUÇÃO

O ensino profissional apresenta-se, desde o seu início, como uma alternativa ao ensino regular, tentando responder, segundo alguns autores, à necessidade, por parte do mercado, de contratar jovens com qualificações mais práticas do que teóricas. Segundo o Código Regulamentar, da escola em estudo, o ensino profissional não deve ser:

“...Um subsistema para onde se ”empurram” os alunos com problemas de aprendizagem, de comportamento ou com desvios detectados em relação às normas comportamentais vigentes”

Daqui se depreende que, para esta escola, o ensino profissional não deve ser a última hipótese dos jovens obterem uma certificação, mas sim uma opção, ou alternativa, ao ensino regular, assumida desde o início do seu percurso escolar, principalmente após a conclusão do 9º ano.

A afirmação inserta no parágrafo acima é, no entanto, contrariada por estudos empíricos já realizados, nomeadamente por alguns autores que consideram que o ensino profissional é a última hipótese para alguns alunos com histórias de insucesso escolar, “a adesão a estes cursos (profissionais) é vivida em geral, como um último recurso, não tanto como uma verdadeira escolha” (Guerreiro, 2004:65).

O mesmo autor volta a referir na mesma página que “...os cursos profissionais são uma ocupação para os jovens desadaptados do ensino formal (quase sempre provenientes dos meios desfavorecidos), em situações de desemprego iminente ou efectivo” (Guerreiro, 2004: 65).

No início deste trabalho, sobre o ensino profissional, pretendia-se realizar um estudo comparativo sobre duas escolas profissionais, uma na região de Lisboa e uma outra na região de Viseu. Após uma análise mais profunda, e depois de auscultada a orientadora de tese, foi percebido que a ambição inicial poderia resultar num fracasso, face à distância e ao tempo necessário para o estudo. Perante esta realidade, a investigação foi direccionada unicamente para a escola na área de Lisboa.

Com este trabalho pretendeu-se saber qual era o sentir dos alunos em relação a este tipo de ensino, nomeadamente: as motivações que os levaram a frequentarem um curso profissional, as suas expectativas antes e depois da sua conclusão, bem como o seu trajecto na escola.

Para o efeito, foi estruturado e lançado um inquérito por questionário às turmas de quatro dos cursos profissionais existentes numa escola profissional, cujo funcionamento abrangia os três anos de escolaridade. Os cursos escolhidos eram os únicos que possuíam, à data do estudo, alunos nos três anos de escolaridade. Enquanto estava a decorrer o inquérito foi percebido que ainda faltavam responder algumas das turmas existentes. Contactada a direcção da escola foi ainda possível lançar alguns dos inquéritos em falta. Devido a problemas de ordem logística e técnica não foi possível obter resposta das restantes turmas.

Além do inquérito foi analisado o percurso escolar destes alunos. Para o efeito foi facultado, pela direcção da escola, acesso aos resultados finais do ano lectivo de 2011/2012. Foram, igualmente, realizadas três pequenas entrevistas, a três dos quatro coordenadores dos cursos profissionais estudados (relativamente ao responsável em falta não foi possível entrevistá-lo atempadamente).

A estrutura deste trabalho é como se segue:

Ponto 1- enquadramento teórico dos temas principais objecto deste estudo e sua ligação ao ensino profissional;

Ponto 2 – breve história do ensino profissional em Portugal e da principal legislação que o suporta, bem como as suas principais características organizativas;

Ponto 3 - metodologia utilizada, estratégia aplicada na realização do trabalho, grelha de análise do questionário e processo de recolha e tratamento dos dados;

Ponto 4 – informação geral sobre os cursos seleccionados, descrição e análise dos principais resultados obtidos através do questionário, nomeadamente, o percurso dos alunos antes do ensino profissional, a percepção que os mesmos têm sobre o curso escolhido, as expectativas em relação ao seu futuro, e, por último, a apresentação e análise dos resultados finais do ano lectivo 2011/2012 a 31 de Julho.

Nas conclusões apresentam-se os principais resultados deste trabalho. É referido, igualmente, um possível trabalho de continuação deste, sobre motivações e expectativas dos alunos do ensino profissional, que tenha como suporte a realização de entrevistas aos alunos que permitam identificar, com maior profundidade, o seu verdadeiro sentir sobre este tipo de ensino.

1. SENTIDOS E PERCURSOS NO ENSINO PROFISSIONAL

Sendo a escola, por excelência, um lugar onde se aprende, ela não é vista por todos da mesma maneira. A sua importância para os alunos difere, segundo alguns autores, em função das origens sociais dos mesmos. Para Capucha, socorrendo-se de estudos levados a efeito por Bourdieu e Passeron, existe uma relação directa entre a adaptação à escola e a origem social dos alunos, "...entre as famílias mais escolarizadas, as crianças são imperceptivelmente preparadas para lidar com o pensamento abstracto (o mesmo que a escola utiliza e requer), ao passo que que nas famílias de meios populares prevalecem formas de pensamento, de inteligência e de saber mais marcadas pela experiência prática e pela utilidade instrumental" (Capucha, 2010: 50). Esta diferença na atitude que se tem perante a escola, bem como sobre os saberes aí transmitidos, marca de uma forma, mais ou menos profunda, os alunos que a frequentam. Esta marca é particularmente visível na relação que os discentes, menos adaptados a esta escola, têm com a mesma, nomeadamente quando analisamos o insucesso, ou mesmo o abandono escolar, como é aliás referido no extracto seguinte.

"Todavia, uma análise mais aprofundada das entrevistas permite compreender que os jovens que abandonam a escola prematuramente, não só possuíam anteriormente experiências escolares marcadas pelo desinteresse e pelo insucesso, como são todos originários de classes desfavorecidas e sem qualificações superiores, isto é, são filhos de operários ou de empregados executantes" (Guerreiro, 2004:57).

Se a escola ainda é importante no mundo actual deve-se, essencialmente, à sua função básica de formar pessoas, independentemente da sua origem social. A questão que se deve colocar não é da sua importância mas sim do papel que desempenha na actualidade.

Para Enguita (2006) a modificação da estrutura do emprego, principalmente nos países mais evoluídos economicamente, levam à existência de uma polarização entre dois tipos de empregos, os que exigem uma grande qualificação (principalmente de ordem superior, como é o caso dos investigadores em várias áreas do saber) e os que não necessitam de grande qualificação, verificando-se, em simultâneo, o desaparecimento dos empregos intermédios.

Apesar de estar a ocorrer uma transformação das sociedades actuais, mencionada no parágrafo anterior, existe, no entanto, uma aposta, mais ou menos clara, na qualificação dos activos. É esta, apesar de tudo o que foi dito, que pode marcar a diferença, aquando da entrada no mercado de trabalho. Aqueles que não podem, ou não querem, adquirir as qualificações necessárias à sua inclusão no mercado de trabalho estão sujeitos à exclusão socioprofissional, conforme é referido no extracto seguinte:

“Num contexto de expansão global dos diplomas superiores e de crescimento das competências escolares exigidas nos diversos planos da vida em sociedade, questões como os baixos níveis de qualificação escolar e os elevados índices de insucesso e abandono escolar, assumem uma grande importância na geração da exclusão socioprofissional.” (Capucha, 1998: 65)

Se a questão da qualificação ainda assume um papel importante nos tempos actuais, ela não pode ser desassociada de um outro aspecto característico da actualidade, a escassez de trabalho, a qual não acontecia, com tanta intensidade, na geração dos pais dos actuais alunos. Perante um elevado desemprego juvenil, que ocorre em Portugal (segundo dados do INE a taxa de desemprego entre os jovens, situados na faixa etária dos 15 aos 24 anos, atingiu em Portugal, no 1º trimestre de 2012, um valor de 29,6%) e não só, os jovens têm vindo a permanecer mais tempo na escola, pois começaram a perceber, assim como a sua família, que fora desta não existe, de momento, lugar para eles.

Esta nova realidade no mundo actual tem levado alguns jovens, principalmente no nosso país, a optarem por uma forma de ensino que, sendo mais prática e ligada ao mundo do trabalho, lhes permite prepararem-se para a vida activa. “Mais do que se discutir a formação sociocultural e científica é preciso dizer, vezes sem conta, que a força deste ensino (profissional) assenta na componente prática e é ela que vai marcar a diferença de formação” (Rodrigues, 2011: 110).

De uma escola que tinha como função uma preparação geral e vocacional, bem como a produção das competências profissionais capazes de nos tornarem mais competitivos na UE, passou-se para uma outra em que o seu objectivo é manter os jovens ocupados, ainda que se diga que a sua permanência na escola se deve à necessidade de aquisição de mais competências ou maior certificação; “...a crise do mercado de emprego juvenil reforçou a aposta na escolaridade ao dificultar os percursos juvenis exteriores à escola, de entrada prematura e desqualificada no mercado de trabalho” (Guerreiro, 2004:55).

A padronização da escola, ou seja a sua formatação, segundo um modelo baseado no pensamento das classes dominantes, pode levar ao afastamento daqueles que estão menos preparados para o assimilarem. Esta situação acontece mais no ensino regular, não deixando, no entanto, de ocorrer igualmente no profissional. Quem já lidou com jovens que frequentam este tipo de ensino vai-se apercebendo que a parte teórica dos cursos é, para uma parte significativa dos alunos, sempre a parte mais “enfadonha” dos mesmos.

Esta dissociação, entre aquilo que é ensinado e o que é entendido por quem aprende, é aliás referido por vários autores. Por exemplo Raul Iturra refere que:

“...A formação é, como já referi antes, de uma intensidade marcante, as formas explicativas do real simplesmente não deixam marca se a cultura de origem não é trazida também à aula. A questão é que uma turma heterogénea tem um conjunto de estereótipos à volta. O primeiro, o que cada membro pensa de si como eu, conforme a sua aprendizagem infantil. O segundo, é o que o mesmo sujeito pensa sobre os outros e se os aceita ou não. O terceiro, é o que os outros pensam do Eu. E, finalmente, o que o professor pensa de tudo isto” (Iturra, 2009:17).

O mesmo autor, mais à frente, vai referir que quem vai aparecer na escola não é o indivíduo, enquanto ser isolado, mas sim a sua genealogia, com particular enfoque nos seus progenitores ou educadores, os quais têm, para todo os efeitos, um grande peso no seu percurso escolar.

Partindo da história passada dos progenitores dos alunos, ou seja as suas origens familiares, torna-se importante referir a importância que aqueles têm na educação dos seus educandos. Os pais têm um papel relevante na história do sucesso, ou do insucesso, dos seus filhos, não sendo de descurar, num estudo sobre o ensino, a análise das habilitações escolares dos pais dos alunos que frequentam a escola.

A ligação do sucesso escolar, ou do insucesso, à origem social, referido no parágrafo anterior, é reforçada com outros estudos realizados neste âmbito, como é o caso dos dois seguintes. “...A família levaria à reprodução dos privilégios ou handicaps herdados, contrariando o projecto da escola libertadora e promotora da igualdade de oportunidades” Almeida (2006, 113). Ou, ainda, “podemos afirmar que a escola tem penalizado os alunos cujas famílias são pouco escolarizadas e desempenham profissões consideradas socialmente como subalternas” (Seabra, 2009: 81).

Por último deve-se questionar o papel da escola para aqueles a quem é dirigida, os alunos. Conforme já referido anteriormente, cada aluno traz para a escola, e dentro desta para a sala de aula, a sua história pessoal e familiar que marca de uma forma profunda a sua atitude perante aquilo que lhe é transmitido. Quando as matérias leccionadas lhes dizem *alguma coisa* os alunos participam e mostram-se interessados, no entanto, se as aquelas lhe são estranhas, ou se não lhes atribuem aplicação prática, pura e simplesmente *desligam-se*. Esta é a situação que pudemos encontrar com alguma relevância no ensino profissional, facto que foi salientado pelos coordenadores de curso entrevistados para este trabalho. O extracto seguinte dá um bom exemplo da atitude que os alunos, principalmente neste tipo de ensino, têm perante as aulas:

“Na escola não vivemos: preparamo-nos para a vida. Na escola não agimos: preparamo-nos para agir. De um lado está a escola, onde não se vive de facto, onde nos preparamos para entrar na vida, a vida que conta, aquela em que teremos um ofício e um vencimento” (Perrenoud, 1995: 21).

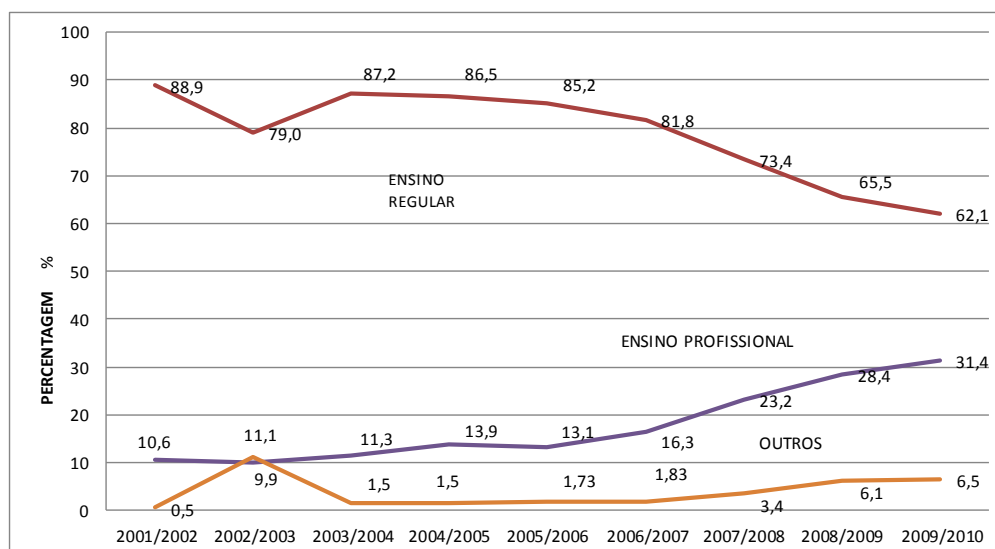
2. ENSINO PROFISSIONAL EM PORTUGAL

2.1 Breve história do seu reaparecimento – legislação e razões

O ressurgimento do ensino técnico ou profissional, iniciado em 1948 e com um interregno no 25 de Abril de 1974, ocorre no final da década de 80. Em 21 de Janeiro de 1989 foi publicado o Decreto-Lei n.º 26/89, onde são referidas as condições de criação e funcionamento das escolas profissionais. No seu preâmbulo este decreto-lei refere que “...no contexto da integração europeia e do desafio do desenvolvimento económico e social que urge promover, a elevação da qualificação dos recursos humanos do país constitui um imperativo e investimento inadiável”. No seu artº 3º, é referido que a criação das escolas profissionais tem um conjunto de objectivos dos quais se destaca, pela sua importância para este trabalho, contribuir para a realização dos jovens, apresentar alternativas ao ensino formal, bem como permitir aos jovens contactar o mercado de trabalho, aproximando a escola da vida profissional.

Esta nova fase do ensino é referida como uma “...oferta no domínio técnico (sendo) o resultado da adopção, por parte do Estado, de políticas de cariz mais ou menos voluntarista e não tanto a consequência de pressões oriundas do tecido empresarial” (Alves, 2001:70). Com esta medida o Estado volta a assumir a necessidade da existência de um tipo de ensino alternativo ao denominado ensino regular, o qual, após a revolução de Abril, era o único sistema existente no país.

A necessidade de ligar a formação ao mundo mais prático ou, se quisermos mais concreto, tem vindo a facilitar a crescente adesão ao ensino profissional. Assim, não é de admirar que se verifique em Portugal, nos últimos anos, o crescimento do ensino profissional, ao mesmo tempo que se verifica a diminuição da percentagem dos alunos que frequentam o ensino regular. Esta expansão do ensino profissional é particularmente visível no gráfico da figura 1. Neste pode-se constatar dois fenómenos, a constante subida da percentagem de alunos a frequentar o ensino profissional (à excepção do ano lectivo de 2005/2006), acompanhada de uma descida constante da percentagem de alunos no ensino regular.



Fonte : ME/GEPE/2012

Figura 1 Evolução dos alunos por tipo de ensino.

Este crescimento do número de alunos a frequentar o ensino profissional sofreu um novo impulso com o aumento da escolaridade obrigatório para os doze anos de escolaridade (do 9º ano para o 12º ano).

Esta subida do número de alunos a frequentar o ensino profissional, e a descida dos que frequentam o ensino regular, tem-nos aproximado do que é a realidade no resto da UE. “Na União Europeia, como já referi, cerca de 54% dos alunos frequentam o ensino técnico e profissional que é tido como uma aprendizagem ao longo da vida, onde as capacidades e os interesses dos alunos devem ser revelados pelo princípio da igualdade de oportunidades” (Rodrigues, 2011: 189).

Para Azevedo as escolas profissionais em Portugal surgem como “...uma alternativa de formação dirigida prioritariamente aos jovens que tenham concluído a sua escolaridade básica de nove anos” (Azevedo, 1991: 146).

Esta nova alternativa de ensino foi vista, no seu início, como uma forma de responder a algumas falhas existentes no ensino regular, nomeadamente o abandono escolar, como é referido, aliás, por alguns autores.

Com o desenvolvimento económico que ocorreu no nosso país, principalmente a partir do final da década de oitenta, verificou-se que não existiam técnicos que satisfizessem a procura, então existente, e daí a aposta no ensino profissional. Esta é, segundo alguns autores outra das razões que levaram ao aparecimento deste tipo de ensino: “esta

modalidade especial de educação escolar visa a qualificação profissional de técnicos intermédios” (Azevedo, 1991: 101). Esta questão da qualificação profissional é igualmente referida por outros autores:

A “... criação do subsistema de Escolas Profissionais em 1989 é promovida no contexto da Reforma do Sistema Educativo como uma modalidade alternativa de escolarização de nível secundário, essencialmente votada à aproximação dos jovens face aos contextos de trabalho e às realidades produtivas locais” (Antunes, 2004: 189).

Recuando um pouco na história recente de Portugal verificamos, segundo dados do PRODEP (1990-1993), citados por Fátima Antunes, que “... a taxa de escolarização da população portuguesa no primeiro nível é comparável com a dos outros países, mas a do segundo nível já é cerca de metade da média dos outros membros da comunidade ...” (Antunes, 2004: 191). Esta diferença, existente entre Portugal e os outros países da UE, ao nível do secundário, tem vindo a ser modificada através de políticas educativas a vários níveis. Uma relacionada com o incentivo à frequência do ensino profissional e por outro lado a criação do programa Novas Oportunidade. Tais políticas não têm, no entanto, evitado que Portugal continue a ser o país na União Europeia, e nos países com IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) muito elevado, que possui a menor percentagem de pessoas, maiores de 25 anos, com o ensino secundário, 40,9 % para as mulheres e 41,9% para os homens (fonte PNUD 2011).

2.2 O ensino profissional no secundário versus o ensino regular

O ensino secundário em Portugal possui quatro vias: cursos científico-humanísticos, cursos tecnológicos, cursos artísticos especializados e cursos profissionais. Neste trabalho apenas serão abordados o primeiro e o último.

Estudos realizados sobre o ensino têm focado as diferenças entre estes dois tipos de ensino. Para alguns o ensino regular (científico-humanístico) é mais teórico e de preparação para o ensino superior, enquanto o profissional, sendo mais prático, é mais direccionado para o desempenho de uma profissão no futuro mais imediato. “A opção pelas áreas técnicas tem forte expressão no ensino profissional. Através da escolha deste

tipo de ensino pretende-se um contacto imediato com o mercado de trabalho, e uma formação mais prática” (Mateus, 2002: 126)

No entanto, aquilo que mais tem marcado, para outros, a diferença entre os dois tipos de ensino, são os alunos que os frequentam, como é aliás referido no extracto seguinte:

“O enciclopedismo das vias de matriz liceal parece, tal como no passado, talhado a um ensino académico que visa uma cultura de elites e que vê nas outras vias de formação segundas oportunidades escolares. É a depreciação e a assunção da fraca nobreza das outras vias de ensino secundário (ainda que a elas seja dada equivalência ao 12º ano e a possibilidade de prossecução de estudos superiores). A distinção de alunos *capazes* e alunos *incapazes* tem sido produzida através da frequência das diferentes vias de ensino dentro do sector escolar: ensino geral/académico, ensino técnico e ensino profissional” (Rodrigues, 2011: 188).

Na comparação entre os dois currículos, o do ensino regular e do profissional, verifica-se que o deste é, efectivamente, muito mais prático do que o do outro, “...a força deste ensino (profissional) assenta na componente prática e é ela que vai marcar a diferença de formação” (Rodrigues, 2011: 110). O facto de os alunos serem habituados, nos cursos profissionais, a “meterem a mão na massa” (aqui entendida como trabalho e formação prática) torna estes cursos mais aliciantes para aqueles que os frequentam. Estão neste caso os quatro cursos escolhidos para este estudo. Esta separação, entre a prática e a teoria, tem como explicação base os objectivos concretos de cada um dos tipos de ensino.

No caso do ensino regular existe um objectivo, que é a preparação dos alunos para o acesso ao ensino superior, enquanto o ensino profissional está mais direccionado para a preparação dos alunos para exercer uma profissão, na área da sua formação, não estando, no entanto, vedada a sua entrada no ensino superior. Pesem embora os objectivos iniciais dos dois tipos de ensino existe, no entanto, algo que os liga que é a existência, no curriculum do ensino profissional, de uma componente teórica e científica, em parte semelhante à do ensino regular.

Nas diferenças mais marcantes, entre os dois sistemas, salienta-se a forma como são organizados os dois currículos.

No ensino regular a avaliação é realizada por disciplina e por período (três por cada ano lectivo), situação que é comum aos três anos de escolaridade, sendo que no final do ano

lectivo os alunos podem ficar retidos, desde que não tenham aproveitamento a mais do que duas disciplinas. No caso do ensino profissional a situação é diferente. Os alunos não ficam retidos nos dois primeiros anos, independentemente da quantidade de módulos em atraso (pelo menos na escola estudada e no período em que se desenvolveu este trabalho). No entanto, caso não consigam, ou não queiram recuperar os módulos em atraso, têm que o fazer no último ano do curso, para o poderem terminar. Esta situação pode levar a que no 3º ano possam existir alunos com mais do que uma matrícula, estão nesta situação todos aqueles que têm quatro, cinco e mais matrículas.

Regressando à questão do currículo verifica-se que no EP também existem três períodos, em cada um dos três anos do curso, no final dos quais se procede a uma avaliação global dos alunos. A diferença está no processo de avaliação. Efectivamente, a avaliação e lançamento das notas dos módulos finalizados ocorre no período imediato à sua conclusão (podendo existir mais do que um módulo de uma disciplina, num determinado período, ou o mesmo módulo ser leccionado durante um período e parte de outro).

Quando um aluno não tem aproveitamento num módulo pode proceder à sua recuperação, em determinados momentos definidos pela escola, ainda que possam ocorrer recuperações a pedido do aluno e com a anuência do professor da disciplina. Uma situação característica deste tipo de ensino, nomeadamente na escola objecto de estudo, é a possibilidade dos alunos poderem recuperar, num prazo de cinco dias, o módulo leccionado, caso tenham tido insucesso no mesmo. Para o efeito têm de pagar uma taxa administrativa, a qual é inferior aquela que teriam de pagar caso efectuassem a sua recuperação fora deste período.

Outra das questões a salientar são os dois momentos de avaliação, características do ensino profissional, como é o caso da PAP (Prova de Aptidão Profissional) mas, principalmente, o estágio curricular, os quais têm lugar no final do 3º ano lectivo e que serão melhor analisados no ponto seguinte.

Por último temos a certificação dos cursos. Segundo a Portaria nº 782/2009, de 23 de Julho, foi estabelecido o Sistema Nacional de Qualificações. No anexo II, a este diploma, é apresentado o quadro das qualificações do ensino. Assim, pode-se verificar que os alunos do ensino regular (12º ano) ficam, no final do seu percurso escolar, com uma certificação nível 3, “ensino secundário vocacionado para prosseguimento de

estudos ao nível superior” pag 4778. No caso dos alunos do ensino profissional ficam, no final do seu 3º ano (equivalente ao 12º ano), com uma certificação de nível 4, “ensino secundário obtido por percursos de dupla certificação ou ensino secundário vocacionado para prosseguimento de estudos de nível superior acrescidos de estágio profissional”, idem.

2.3 Características do ensino profissional

Os cursos profissionais encontram-se organizados, conforme já referido no ponto anterior, por módulos (unidades de aprendizagem autónomas no âmbito dos programas de cada disciplina). Este tipo de organização das matérias permite adaptar o ritmo de aprendizagem de cada aluno às suas características próprias.

Os cursos do ensino profissional têm a duração de três anos e todos eles possuem três componentes, a saber:

- ✓ Componente de formação sociocultural – a qual é comum a todos os cursos – com um número total de 1000 h;
- ✓ Componente de formação científica – a qual é comum a todos os cursos da mesma área de formação – com um número total de 500 h;
- ✓ Componente de formação técnica, tecnológica e prática – a qual varia em função do curso – com um número total de 2100 h

A componente sócio cultural é constituída pelas seguintes disciplinas: português (320h), área de integração (220h), língua estrangeira (220h - no caso da escola objecto do estudo é o inglês), tecnologias de informação e comunicação (100h) e educação física (140h).

A componente de formação científica é constituída entre duas a quatro disciplinas, variando em função do curso. Por último a componente de formação técnica, é constituída entre três e seis disciplinas, a que se junta a formação em contexto de trabalho (estágio curricular).

O sistema de avaliação neste tipo de ensino tem duas componentes centrais:

Avaliação formativa – a qual ocorre ao longo de todo o processo de ensino e aprendizagem;

Avaliação sumativa – no final de cada módulo, para o qual contribuem todos os elementos recolhidos pelos professores ao longo do desenvolvimento de cada módulo (trabalhos escritos, apresentações de trabalhos, testes, participação nas aulas, etc);

Para além da avaliação modular existem mais três componentes de avaliação, comuns a todos os cursos profissionais:

O PT (Projecto Tecnológico) - realizado no final do 2º ano, o qual é constituído por um trabalho escrito, um trabalho prático (maqueta, programa informático aplicado a um caso concreto, etc) e uma apresentação oral. Esta apresentação é feita perante um júri, constituído por um mínimo de três professores, sendo um deles o coordenador do respectivo curso. Esta avaliação está, normalmente, integrada num ou mais módulos de uma das disciplinas técnicas. Este trabalho pode ser realizado individualmente ou em grupo, dependendo do curso;

A PAP (Prova de Aptidão Profissional) – é realizada no final do 3º ano, sendo constituída por um trabalho escrito, um trabalho prático (semelhante ao da PT, mas mais desenvolvido) e uma apresentação oral. Este trabalho é individual e é apresentado perante um júri, cuja constituição se menciona à frente;

FCT (Formação em Contexto de Trabalho) - estágio curricular - com a duração aproximada de três meses, realizado no final do 3º ano, tem lugar numa empresa ou instituição da área do curso do aluno. A escolha do local de estágio depende, em parte, dos contactos que a escola (d direcção, coordenadores e professores) tem junto do mercado, podendo haver, ou não, ajuda, por parte dos alunos, na pesquisa e escolha da entidade. A avaliação deste estágio tem duas componentes. A do representante da entidade que acompanha o aluno durante o seu estágio, cujo peso para a nota final, varia em função do curso, mas que se pode situar perto dos 75% e a do professor e orientador do estágio, que acompanha o aluno durante este percurso, o qual atribui ou pondera o resto da nota.

O aluno só pode terminar qualquer um dos cursos quando tiver efectuado com sucesso todos os módulos, a PAP e a FCT.

A PAP (Prova de Aptidão Profissional) é, conjuntamente com a FCT, uma componente fundamental do ensino profissional, estando regulamentada através da portaria 550 – C/2004 de 21 de Maio. Nesta portaria estão igualmente inseridas todas as directrizes necessárias ao funcionamento dos cursos profissionais.

Relativamente à PAP é referido, no seu artº 21º da mencionada portaria, que a avaliação deste trabalho individual dos alunos é feita por um júri constituído pelos seguintes elementos:

- a) O director pedagógico da escola, que preside;
- b) O director ou coordenador do departamento ou estrutura pedagógica intermédia competente,
- c) O director do curso (coordenador, no caso desta escola),
- d) O orientador educativo da turma (OET),
- e) O professor orientador do projecto (o qual é, na maior parte dos casos, o coordenador do curso),
- f) Um representante das associações empresariais ou das empresas de sectores afins do curso,
- g) Um representante das associações sindicais dos sectores de actividade afins ao curso,
- h) Uma personalidade de reconhecido mérito na área da formação profissional ou dos sectores de actividade afins do curso.

Para deliberar o júri de avaliação necessita da presença de, pelo menos, quatro destes elementos. É de presença obrigatória um dos quatro primeiros elementos mencionados anteriormente (alíneas a, b, c e d) e dois elementos restantes (alíneas f, g e h). O presidente do júri em caso de empate tem voto de qualidade.

3. METODOLOGIA

“A metodologia será, assim, a organização crítica das práticas de investigação”. (Almeida, 1976: 84)

O trabalho desenvolveu-se em três fases. Uma de carácter extensivo, tendo como suporte um inquérito por questionário, dirigido aos alunos dos três anos de escolaridade dos quatro cursos profissionais seleccionados. A outra mais intensiva que teve como base algumas entrevistas, a três dos quatro coordenadores dos cursos em análise. Estas tiveram como objectivo ouvir a sua opinião sobre os alunos de cada um dos cursos. Por último, foi analisado um conjunto de informações sobre o percurso escolar destes alunos, nomeadamente os módulos que tinham em atraso no final do ano lectivo, com base em documentação obtida junto da escola. As duas primeiras vão ser analisadas em conjunto, a última será objecto de análise num ponto específico.

Na sua essência pretendeu-se, com esta pesquisa, responder a um conjunto de questões, a saber: as motivações que levaram os alunos a optar por este tipo de ensino, as suas expectativas em relação ao curso, a sua trajectória no ensino profissional, bem como a sua avaliação dos cursos.

Sendo o estudo de caso um método de investigação: “... intensivo, tanto em amplitude como em profundidade, e utilizando todas as técnicas disponíveis, de uma amostra particular, seleccionado de acordo com determinados objectivos ...de um fenómeno social, ordenando os resultados por forma a preservar o caracter unitário da amostra...” (Almeida, 1997: 87), citando Greenwood, procurou-se, ao longo deste trabalho, obter o máximo possível de informação que espelhasse a realidade existente nesta escola, com particular incidência nos cursos seleccionados.

Tendo como suporte as questões equacionadas elaborou-se uma estratégia que permitisse inferir, no final do trabalho, se existe variação, ou não, na motivação e na expectativa dos alunos ao longo do seu percurso escolar. Na impossibilidade temporal de acompanhar o trajecto dos alunos do 1º ano, durante os seus três anos de escolaridade, optou-se por estudar as turmas existentes, no ano lectivo 2011/2012, dos cursos seleccionados. Face a esta dificuldade pensou-se, desde o seu início, lançar um

inquérito por questionário que abrangesse a maioria dos alunos (sendo o ideal a sua totalidade) dos quatro cursos seleccionados.

Antes de se iniciar o trabalho de campo foi realizada uma entrevista à directora da escola com o objectivo de se obter informação complementar sobre os vários cursos, bem como sobre os alunos do ensino profissional. Desta entrevista resultaram um conjunto de informações, nomeadamente a visão que a direcção da escola tem sobre o percurso escolar dos alunos, motivação, insucesso escolar, abandono escolar, importância dos professores e dos coordenadores de curso na motivação dos alunos, métodos usados na escola na recuperação dos alunos com dificuldades de aprendizagem, principalmente daqueles que se encontram em processo de desistência, entre outras. Estas informações foram muito importantes para o trabalho que se desenvolveu a seguir.

Para o efeito da construção do questionário elaborou-se uma grelha de análise, cujos aspectos mais importantes estão espelhados na tabela 1.

DIMENSÃO	INDICADORES	OBJECTIVOS
1. Caracterização dos alunos	Identificação do sexo, ano de frequência e curso	Identificação dos alunos por sexo/curso/ano
2. Caracterização familiar	Habilitações e profissão de pai e mãe	História familiar
2.1 Ligação da família à escola	Identificação do encarregado de educação, participação em reuniões na escola.	Identificar participação da família no sucesso dos alunos
3. Trajectória escolar		
3.1 Anterior ao curso	Nº de reprovações anteriores ao ensino profissional e identificação das suas razões	Identificar insucessos anteriores ao ensino profissional e motivos
3.2 Actual	Grau de preparação à entrada e de adaptação ao curso actual, módulos em atraso, forma de recuperá-los,	Identificar probabilidades de sucesso/ insucesso no ensino profissional
3.3 Análise do curso e da escola	Avaliação do curso (matérias leccionadas). Grau de importância de: professores, condições da escola e do coordenador, bem como do estágio curricular (FCT) para o sucesso dos alunos . Aconselhamento do curso a terceiros	Identificar eventual descontentamento com o curso/ligação a probabilidades de abandono escolar
4. Escolhas e expectativas escolares		
4.1 Razões de uma escolha	Motivo da escolha do curso e quem o ajudou.	
4.2 Expectativa em acabar e vir a trabalhar na área	Ligação de aspirações actuais (finalização do curso) e futuras (vir a trabalhar na área e/ou prosseguir estudos)	Identificar expectativas dos alunos em relação ao seu curso

Tabela 1 Questionário - Identificação dos objectivos e expectativas dos alunos

No questionário foram inseridas de preferência perguntas fechadas, em que cada inquirido teria de optar entre várias hipóteses, as quais permitiram uma melhor análise dos resultados.

No entanto, como explica Lima (1973), a aplicação desta técnica (inquérito por questionário) pode não dar informações concretas sobre as razões mais profundas, nomeadamente se os alunos não estiverem dispostos a fornecer dados “verídicos”, sobre os motivos que os leva a estudar neste tipo de ensino, bem como à sua motivação, ou não, em irem às aulas. Só um método mais intensivo, direccionado a um número muito restrito de alunos, a seleccionar aleatoriamente dentro da escola, permitiria uma análise mais profunda do seu pulsar.

Tendo como suporte as informações recolhidas, bem como o objectivo deste trabalho, foi elaborado um inquérito online por questionário (ver anexos), utilizando-se para o efeito a plataforma do Google. O método de utilização dos inquéritos online permitiu obter de uma maneira mais rápida e fácil a informação necessária à realização do mesmo.

Devido ao facto de uma grande parte dos alunos não possuírem computador e/ou internet em casa foi solicitada à gestão da escola autorização para que este trabalho fosse desenvolvido nas suas instalações, a qual foi concedida. A única solução encontrada para o lançamento dos inquéritos foi a sua realização durante as aulas, tendo sido preciosa a colaboração dos professores desses alunos. Para que não houvesse da parte dos alunos qualquer receio em relação às respostas não foi solicitada a identificação da turma que estava a responder, apenas foi solicitada a identificação do curso, ano e sexo. Os inquéritos, após concluídos, foram enviados, por cada aluno (facilidade fornecida pelo sistema da Google), directamente para uma base de dados, não ficando qualquer registo na escola.

Devido à programação das aulas neste tipo de ensino, em que os alunos do 3º ano vão para estágio no início do 3º período, houve necessidade de se lançar o inquérito por questionário antes do fim das suas aulas (Março e início de Abril). Os alunos dos 1º e 2º anos responderam ao questionário nos meses de Abril, Maio e Junho. Antes do seu lançamento foi realizado um pré-teste junto de alunos do ensino profissional de uma outra escola do mesmo grupo. Este pré-teste foi realizado numa sala de aula desta escola, utilizando-se para o efeito os computadores da mesma. Na realização deste pré-teste não se verificaram quaisquer dúvidas ou dificuldades por parte dos alunos inquiridos.

Após a conclusão do inquérito foi o mesmo objecto de tratamento, utilizando-se para o efeito a plataforma SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*). Apesar das respostas ao inquérito terem fornecido informações pertinentes, para o trabalho que se estava a realizar, foi decidido complementar este estudo tendo como base dois tipos de informação, a opinião dos coordenadores de curso e os resultados finais do ano lectivo. As entrevistas aos coordenadores tiveram como objectivo saber qual era a sua opinião sobre os actuais alunos do ensino profissional, face aos que frequentaram o mesmo curso no passado. Relativamente aos resultados finais do ano lectivo pretendeu-se obter uma fotografia sobre o percurso da totalidade dos alunos dos quatro cursos estudados e para os três anos de escolaridade.

4. O ESTUDO DE CASO

4.1 Preâmbulo

A escola profissional, que serve de base a este estudo, foi fundada em 1989, ano em que saiu a legislação relativa à criação das escolas profissionais, conforme já foi referido anteriormente. Esta escola, situada no distrito de Lisboa, está integrada num conjunto de estabelecimentos escolares do mesmo grupo, o qual se dedica, de uma maneira geral, ao ensino profissional e à formação profissional.

Para este estudo foram escolhidos quatro cursos, de um total de onze existentes na escola, a saber: Técnico de Design, Técnico de Electrónica, Automação e Comando (TEAC), Técnico de Gestão de Equipamentos Informáticos (TGEI) e Técnico de Multimédia (nos anexos temos a constituição das disciplinas, bem como o número de horas a leccionar, para cada um dos cursos em estudo, com a excepção da componente sociocultural, já referida, a qual é igual para todos os cursos).

Os alunos que terminem qualquer um destes cursos ficam com um diploma de certificação nível IV.

Todas as disciplinas são constituídas por módulos abrangendo, na maior parte dos casos, os três anos de escolaridade. O número de horas de cada módulo pode variar em função da disciplina e do ano do curso. A disciplina de matemática é a única que possui um regime de precedências em relação a alguns módulos.

4.2 Dados gerais sobre os 4 cursos seleccionados

No início do ano lectivo de 2011/2012 inscreveram-se nos três anos, e nos quatro cursos em estudo, 465 alunos de ambos os sexos (tabela 2).

Conforme se pode verificar, existe uma diferença entre o número de alunos que se inscreveram e os que chegaram ao fim do ano lectivo, 29,5% no 1º ano, 8,2% no 2º ano e 8,3% no 3º ano.

As explicações para estas desistências devem-se, segundo informação obtida nas entrevistas aos coordenadores de curso, a várias razões, as quais são mencionadas a seguir.

No caso do 1º ano as desistências dos alunos são devidas, principalmente, ao facto dos cursos não corresponderem às suas expectativas, o que leva à sua desmotivação e respectiva anulação da matrícula

Relativamente aos 2º e 3º anos a principal razão está ligada ao acumular de módulos em atraso, principalmente porque a sua recuperação tem custos para os alunos. Ainda em relação ao 3º ano existe uma outra explicação, a necessidade dos alunos de 4ª e mais matrículas pagarem uma propina de frequência (a qual não existe durante os três anos dos cursos) o que, para alguns, pode-se tornar incomportável.

Na mesma tabela está inserida a distribuição por curso e ano dos alunos que responderam ao inquérito, conforme se pode ver apenas 42,7% dos alunos, inscritos à data do inquérito, o realizaram. Uma das razões foi a impossibilidade de ordem técnica de lançar o inquérito, a outra foi a ausência de alunos no dia agendado para a sua realização. Para o caso dos alunos do 3º ano existe uma outra explicação, o facto dos alunos repetentes só frequentarem as aulas dos módulos em atraso.

No campo observações do quadro estão assinalados, na parte correspondente ao 3º ano, o nº de alunos que têm apenas uma matrícula neste ano. A diferença entre este número e o total de alunos inscritos, em cada um dos cursos, é preenchida por alunos que têm duas ou mais matrículas neste ano.

A N O	CURSO	INICIO	FIM	ALUNOS QUE RESPONDERAM AO INQUÉRITO	%	OBS
		INSCRITOS Setembro de 2011	INSCRITOS Julho de 2012			
1º	DESIGN	53	39	0	0,0	2 turmas
	TEAC	27	18	11	61,1	
	TGEI	65	39	12	30,8	
	MULTIMÉDIA	55	45	40	88,9	
	INS/NR			2		
	TOTAL	200	141	65	46,1	
2º	DESIGN	20	18	0	0	2 turmas
	TEAC	14	14	0	0	
	TGEI	32	28	23	82,1	
	MULTIMÉDIA	19	18	17	94,4	
		TOTAL	85	78	40	
3º	DESIGN	39	38	22	57,9	24 alunos c/ uma única matrícula
	TEAC	23	22	9	40,9	8 alunos c/ uma única matrícula
	TGEI	75	70	18	25,7	22 alunos c/uma única matrícula (2 turmas)
	MULTIMÉDIA	43	35	10	28,6	15 alunos c/ uma única matrícula
		TOTAL	180	165	59	35,8
	TOTAL GERAL	465	384	164	42,7	

Fonte: direcção da escola e inquérito aos alunos

Tabela 2 Alunos inscritos no ano lectivo 2011/2012 – alunos que responderam ao inquérito

A distribuição das disciplinas e módulos pelos quatro cursos seleccionados encontra-se expressa na tabela 3.

CURSO	1º ANO		2º ANO		3º ANO		Nº TOTAL DE DISCIPLINAS DO CURSO	Nº TOTAL DE MÓDULOS DO CURSO
	Nº de disciplinas	Nº de módulos	Nº de disciplinas	Nº de módulos	Nº de disciplinas	Nº de módulos		
TÉCNICO DE DESIGN	12	44	10	40	7	29	12	113
TÉCNICO DE MULTIMÉDIA	11	37	10	37	8	26	12	100
TEAC	10	38	10	31	8	33	11	102
TGEI	10	34	9	34	8	28	11	101

Fonte: direcção da escola

Tabela 3 Disciplinas e módulos por curso/ano

A maior parte das disciplinas são comuns aos três anos. O 1º ano é aquele que normalmente tem mais disciplinas e módulos. Na tabela não estão contemplados a PAP (Prova de Aptidão Profissional) e a FCT (Formação em Contexto de Trabalho).

4.3 Resultados obtidos no inquérito por questionário

4.3.1 Perfil dos alunos respondentes

A distribuição dos alunos inquiridos por sexo e curso está mencionada na tabela 4. Tendo em conta esta distribuição, em que os rapazes são em maior número e estão em todos estes cursos, ao contrário das raparigas, optou-se por não se levar em conta o género nos quadros seguintes.

SEXO	CURSO				
	Design	Multimédia	TGEI	TEAC	TOTAL
Masculino	8	46	53	19	126
Feminino	13	20	0	0	33
Total	21	66	53	19	159

Fonte : inquérito aos alunos

Tabela 4 Distribuição dos alunos inquiridos por sexo e curso

As habilitações dos pais dos alunos foram objecto de uma pergunta específica (tabela 5). Nesta pode-se verificar que mais de 50% dos pais e das mães, dos alunos inquiridos, têm no máximo o 9º ano, dos quais 23,8 % dos pais e 21,3% das mães têm no máximo o 1º ciclo de escolaridade (antiga 4ª classe)¹.

¹ Chama-se a atenção, igualmente, para o facto de existir uma elevada percentagem de alunos que responderam que não sabiam ou não quiseram responder, a qual se situa, em relação ao pai, acima dos 23%. Esta elevada percentagem pode estar ligada ao facto de alguns dos alunos serem criados unicamente

		Até à a antiga escolaridade obrigatória (4ª classe) inclusive	Tem entre o 1º ciclo (antiga 4ª classe) e o 2º ciclo (9º ano)	Tem o 9º ano de escolaridade (2ºciclo)	Frequentou ou conclusão do ensino secundário	Tem frequência do ensino superior	Tem um bacharelato/licenciatura/mestrado/doutoramento	NS/NR	TOTAL
Pai	Nº	39	21	27	30	6	3	38	164
	%	23,8	12,8	16,5	18,3	3,7	1,8	23,2	100,0
Mãe	Nº	35	24	40	28	7	9	21	164
	%	21,3	14,6	24,4	17,1	4,3	5,5	12,8	100,0

Fonte: inquérito aos alunos

Tabela 5 Habilitações académicas do pai e da mãe dos alunos

Quando questionados sobre a participação dos encarregados de educação nas reuniões da escola, 78,9% dos alunos inquiridos responderam “sempre” ou na “maior parte das vezes” (tabela 6). Só cerca de 13% é que afirmaram que “nunca”.

ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO		Sempre	Na maior parte das vezes	Raramente	Nunca	Total
O meu pai	Nº DE ALUNOS	17	13	3	2	35
	%	48,5	37,1	8,6	5,7	100,0
A minha mãe	Nº DE ALUNOS	29	38	13	7	88
	%	32,9	43,2	14,8	7,9	100,0
TOTAL	Nº DE ALUNOS	46	51	16	9	123
	%	37,4	41,5	13,0	7,3	100,0

Fonte: inquérito aos alunos

Tabela 6 Presença do encarregado de educação nas reuniões na escola

4.3.2 Percurso escolar dos alunos anterior à sua entrada no ensino profissional e durante o mesmo

a) Percurso anterior ao ensino profissional

Quando os alunos foram questionados sobre as reprovações anteriores ao ensino profissional (tabela 7) verificamos que 72% dos alunos inquiridos tinham tido reprovações anteriores à sua entrada no ensino profissional. Este facto vai ao encontro de estudos já efectuados sobre este assunto, mencionados anteriormente, os quais apontam para a existência de uma correlação entre insucesso escolar e habilitações dos pais dos alunos.

ANO					Total
		Não	Sim	NS/NR	
1º	Nº DE ALUNOS	14	50	1	65
	%	21,5	76,9	1,5	100,0
2º	Nº DE ALUNOS	14	25	1	40
	%	35,0	62,5	2,5	100,0
3º	Nº DE ALUNOS	16	43	0	59
	%	27,1	72,9	,0	100,0
TOTAL	Nº DE ALUNOS	44	118	2	164
	%	26,8	72,0	1,2	100,0

Fonte: inquérito aos alunos

Tabela 7 Reprovações anteriores à entrada no ensino profissional

Se analisarmos as causas apontadas pelos alunos para o seu insucesso (tabela 8), pode-se constatar que a grande maioria (38,4%) “não gostava de estudar”, sendo a segunda razão apontada “faltava muito às aulas”.

	Não gostava de estudar	Faltava muito às aulas	Tinha problemas familiares	Não se aplica	NS/NR	Total
Nº DE ALUNOS	63	20	4	44	33	164
%	38,4	12,2	2,4	26,8	20,1	100

Fonte: inquérito aos alunos

Tabela 8 Principal razão que levou à reprovação antes do ensino profissional

Face aos resultados, insertos nos quadros anteriores, pode-se, então, referir que uma parte importante dos alunos inscritos nos cursos estudados vem já com histórias de insucesso anteriores. A esta há que juntar um número significativo de alunos com pouco gosto para o estudo.

b) Representações do curso

Apesar da sua história de insucesso escolar, a grande maioria dos alunos (mais de 80%), afirmou que se encontrava entre “razoavelmente preparados” ou “preparados” (tabela 9).

ANO	ALUNOS						Total
		Nada preparado	Pouco preparado	Razoavelmente preparado	Preparado	Muito preparado	
1º	Nº	1	5	34	18	5	63
	%	1,6	7,9	54,0	28,6	7,9	100,0
2º	Nº	1	1	23	14	0	39
	%	2,6	2,6	59,0	35,9	0,0	100,0
3º	Nº	1	4	27	21	6	59
	%	1,7	6,8	45,8	35,6	10,2	100,0
TOTAL	Nº	3	10	84	53	11	161
	%	1,9	6,2	52,2	32,9	6,8	100,0

Fonte: inquérito aos alunos

Tabela 9 Grau de preparação dos alunos à entrada no ensino profissional

Esta situação já se altera um pouco quando observamos os resultados patentes (tabela 10). A maioria dos alunos inquiridos, 48,8%, respondeu que tinha sentido “pouca dificuldade” ou nenhuma dificuldade”. No entanto é de salientar que 18,2% dos alunos inquiridos referem que tiveram “alguma dificuldade” ou até “muita dificuldade” na entrada no EP. Salienta-se por fim o caso dos alunos do 3º ano, os quais, com mais de 20% de respostas relativas a muita ou alguma dificuldade, foram os que mais se manifestaram nesse sentido. A possível razão para esta situação só poderia ser respondida mediante uma entrevista a estes alunos.

ANO		Muita dificuldade	Alguma dificuldade	Dificuldade média	Pouca dificuldade	Nenhuma dificuldade	Total
		1º	Nº DE ALUNOS	2	10	20	
	%	3,1	15,4	30,8	36,9	10,8	100,0
2	Nº DE ALUNOS	2	4	17	13	4	40
	%	5,0	10,0	42,5	32,5	10,0	100,0
3º	Nº DE ALUNOS	1	11	15	23	9	59
	%	1,7	18,6	25,4	38,9	15,2	100,0
TOTAL	Nº DE ALUNOS	5	25	52	60	20	162
	%	3,0	15,2	31,7	36,6	12,2	100,0

Fonte: inquérito aos alunos

Tabela 10 Grau de dificuldade à entrada no ensino profissional

Se analisarmos a expectativa que os alunos tinham sobre o seu curso, à entrada no mesmo, e aquilo que na prática vieram a verificar (tabela 11), constatamos que as respostas obtidas no inquérito se distribuem igualmente, 46,8%, por duas respostas “sim” e “em parte”, sendo de apenas 6,3% aqueles que respondem “não”. Chama-se a atenção para o facto de serem os alunos do 2º ano os mais positivos nesta análise, não existindo qualquer resposta “não”.

ANO					Total
		Não	Sim	Em parte	
1º Ano	Nº DE ALUNOS	6	27	29	62
	%	9,7	43,5	46,8	100,0
2º Ano	Nº DE ALUNOS	0	21	18	39
	%	,0	53,8	46,2	100,0
3º Ano	Nº DE ALUNOS	4	26	27	57
	%	7,0	45,6	47,4	100,0
TOTAL	Nº DE ALUNOS	10	74	74	158
	%	6,3	46,8	46,8	100,0

Fonte: inquérito aos alunos

Tabela 11 O curso corresponde à expectativa inicial dos alunos

Um outro aspecto que importa analisar, em conjunto com os dois anteriores, é o número de módulos que os alunos referem ter em atraso, à data da resposta ao inquérito: 41 % dos alunos inquiridos afirmaram que tinham mais do que 5 módulos em atraso, sendo o caso dos alunos do 3º ano o mais relevante. Efectivamente, mais do que 50% destes alunos afirmaram que tinham mais do que 5 módulos nestas condições (tabela 12).

ANO								Total
		Nenhum	Um módulo	Dois módulos	Mais de dois e menos de cinco módulos	Entre 5 (inclusive) e dez módulos (inclusive)	Mais de dez módulos	
1º	Nº DE ALUNOS	9	12	3	16	14	5	59
	%	15,3	20,3	5,1	27,1	23,7	8,5	100,0
2º	Nº DE ALUNOS	6	4	4	10	4	7	35
	%	17,1	11,4	11,4	28,6	11,4	20,0	100,0
3º	Nº DE ALUNOS	9	6	5	5	13	19	57
	%	15,8	10,5	8,8	8,8	22,8	33,3	100,0
TOTAL	Nº DE ALUNOS	24	22	12	31	31	31	151
	%	15,9	14,6	7,9	20,5	20,5	20,5	100,0

Fonte: inquérito aos alunos

Tabela 12 Módulos em atraso por ano de escolaridade

O facto de existir um número significativo de alunos com módulos em atraso espelha, de certa forma, alguma dificuldade dos alunos em se adaptarem a este tipo de ensino.

ANO		Vou recuperar o mais depressa possível	Vou recuperar no final do período	Vou recuperar no final do ano lectivo	Vou recuperar para o ano	Quando tiver dinheiro	Vou mudar de curso	Ao longo do ano	Não sei se vou recuperar	Total
1º Ano	Nº DE ALUNOS	23	8	5	7	3	2	0	4	52
	%	35,3	12,3	7,7	10,8	4,6	3,1	,0	6,2	100,0
2º Ano	Nº DE ALUNOS	21	1	8	2	0	0	1	0	33
	%	52,5	2,5	20,0	5,0	,0	,0	2,5	,0	100,0
3º Ano	Nº DE ALUNOS	43	1	3	0	0	0	0	2	49
	%	72,8	1,7	5,1	,0	,0	,0	,0	3,4	100,0
TOTAL	Nº DE ALUNOS	87	10	16	9	3	2	1	6	134
	%	64,9	7,5	11,9	6,7	2,2	1,5	,7	4,5	100,0

Fonte: inquérito aos alunos

Tabela 13 Forma de recuperação dos módulos em atraso

Ao indagarmos como esperam recuperar esses módulos em atraso, mais do 60% respondeu que vai recuperá-los o mais depressa possível (tabela 13). Outro dado importante é o facto de apenas 4,5% dos alunos inquiridos assumissem não saber se os vão recuperar, o que pode indiciar possível taxa de abandono escolar.

Conjuntamente com o seu percurso escolar no ensino profissional é importante analisar o que os alunos pensam do seu curso, a escola, enquanto instituição, os professores e um elemento fulcral no seu percurso escolar, o coordenador de curso.

Comecemos pelos professores. Conforme se pode ver (tabela 14) mais de 70% dos alunos consideram que os professores são importantes ou muito importantes. Este aspecto é comum aos quatro cursos. Só um escasso número de alunos, 4,2%, é que considera que são pouco ou nada importantes.

ano		Nada importante	Pouco importante	Razoavelmente importante	Importante	Muito importante	Total
1º Ano	Nº DE ALUNOS	2	3	12	24	21	62
	%	3,2	4,8	19,4	38,7	33,9	100,0
2º Ano	Nº DE ALUNOS	0	0	9	15	15	39
	%	,0	,0	23,1	38,5	38,5	100,0
3º Ano	Nº DE ALUNOS	1	1	11	23	22	58
	%	1,7	1,7	19,0	39,7	37,9	100,0
TOTAL	Nº DE ALUNOS	3	4	32	62	58	159
	%	1,9	2,5	20,1	39,0	36,5	100,0

Fonte: inquérito aos alunos

Tabela 14 Importância dos professores na motivação e sucesso escolar dos alunos

Valor ligeiramente superior para os coordenadores de curso, 74,4% para os mesmos itens (tabela 15). Cujas importâncias para o curso de Multimédia atingem um valor de quase 90%, sendo o mais baixo no caso do coordenador de Design, com 58,4%, o qual tem, no entanto, uma avaliação bastante positiva para a maioria dos alunos do curso.

CURSO		Nada importante	Pouco importante	Razoavelmente importante	Importante	Muito importante	Total
DESIGN	Nº DE ALUNOS	1	2	7	7	7	24
	%	4,2	8,3	29,2	29,2	29,2	100,0
MULTIMÉDIA	Nº DE ALUNOS	0	2	5	19	39	65
	%	0,0	3,1	7,7	29,2	60,0	100,0
TGEI	Nº DE ALUNOS	0	2	11	11	16	40
	%	0	5	27,5	27,5	40	100,0
TEAC	Nº DE ALUNOS	0	0	7	14	8	29
	%	0,0	0,0	24,1	48,3	27,6	100,0
TOTAL	Nº DE ALUNOS	1	6	30	51	70	158
	%	0,6	3,8	19,0	32,3	44,3	100,0

Fonte: inquérito aos alunos

Tabela 15 Importância do coordenador de curso para os alunos

Estes coordenadores de curso são professores de disciplinas técnicas, os quais têm a responsabilidade de gestão dos cursos, bem como o acompanhamento dos alunos durante o seu estágio curricular (FCT). A inclusão desta pergunta aos alunos teve a ver com a importância que estes professores têm para o sucesso dos alunos.

CURSO		Aprender a trabalhar em grupo	Melhorar os meus conhecimentos práticos sobre o que aprendi	Aumentar a minha capacidade de integração no mercado de trabalho	É apenas mais uma componente do curso que estou a frequentar	Total
DESIGN	Nº DE ALUNO	1	15	6	0	22
	%	4,5	68,2	27,3	,0	100,0
MULTIMÉDIA	Nº DE ALUNO	6	33	23	0	62
	%	9,7	53,2	37,1	,0	100,0
TGEI	Nº DE ALUNO	4	23	11	1	39
	%	10,3	59,0	28,2	2,6	100,0
TEAC	Nº DE ALUNO	2	14	8	4	28
	%	7,1	50,0	28,6	14,3	100,0
TOTAL	Nº DE ALUNO	13	85	48	5	151
	%	8,6	56,3	31,8	3,3	100,0

Fonte: inquérito aos alunos

Tabela 16 Importância do estágio curricular (FCT)

Conforme já foi referido anteriormente, o estágio curricular é o processo de avaliação mais importante do ensino profissional. É, igualmente, para a maioria dos alunos, o seu primeiro contacto com o mundo do trabalho. Nas entrevistas realizadas aos coordenadores de curso foi referido por estes que a maior parte dos alunos do 3º ano

fica mais motivada quando se aproxima o momento de ir para estágio. Com base nesta informação, passemos à análise das respostas dadas. Conforme se pode constatar (tabela 16), a maioria dos alunos dos quatro cursos, 56,3%, tem o mesmo tipo de resposta: o estágio vai melhorar os seus conhecimentos práticos. A resposta que refere “aumentar a minha capacidade de integração no mercado de trabalho” fica em segundo lugar com uma média de 30,8% dos alunos.

Quando os alunos são questionados sobre o curso no geral, nomeadamente no seu aconselhamento a terceiros, a maioria das respostas vão no sentido do “sim”, cuja percentagem vai aumentando quando se avança de ano (tabela 17). Em contrapartida a resposta “talvez”, a segunda preferida, e a “não” vão diminuindo à medida que vão avançando no curso.

ANO		Não	Sim	Talvez	Total
1º	Nº DE ALUNOS	7	31	25	63
	%	11,1	49,2	39,7	100,0
2º	Nº DE ALUNOS	3	21	14	38
	%	7,9	55,3	36,8	100,0
3º	Nº DE ALUNOS	2	38	18	58
	%	3,4	65,5	31,0	100,0
TOTAL	Nº DE ALUNOS	12	90	57	159
	%	7,5	56,6	35,8	100,0

Fonte: inquérito aos alunos

Tabela 17 Aconselharia o seu curso a um amigo

4.3.3 Expectativas em relação ao seu futuro

Esta análise geral às respostas, dadas no inquérito por questionário lançado a alguns alunos do ensino profissional, termina com uma comparação entre as razões evocadas para a entrada na escola e a sua visão sobre o seu futuro.

Começamos pela análise das suas razões à entrada (tabela 18). Neste podemos verificar que mais do que 40% dos alunos responderam que queriam “ter uma profissão ligada ao curso”, sendo que a segunda resposta mais utilizada foi a de “querer acabar o 12º ano”. Chama-se igualmente à atenção para a terceira hipótese, de certa forma ligada à mais escolhida, a qual refere que 17,7% dos alunos querem “ter uma profissão mais prática”, a qual está na base dos cursos profissionais. É de realçar, igualmente, que apenas 3,8%

dos alunos inquiridos é que que pretendem “aceder à faculdade de uma maneira mais fácil”.

CURSO							Total
		Ter uma profissão ligada ao curso	Querer acabar o 12º ano	Aceder à faculdade de uma maneira mais fácil	Ter uma profissão mais prática	Outro	
DESIGN	Nº DE ALUNOS %	11 45,8	8 33,3	2 8,3	2 8,3	1 4,1	24 100,0
MULTIMÉDIA	Nº DE ALUNOS %	25 38,4	24 38,4	2 3,1	7 10,8	7 10,8	65 100,0
TGEI	Nº DE ALUNOS %	19 47,5	7 17,5	2 5,0	11 27,5	1 2,5	40 100,0
TEAC	Nº DE ALUNOS %	14 45,2	9 29,0	0 ,0	7 22,6	1 3,2	31 100,0
TOTAL	Nº DE ALUNOS %	69 43,1	48 30,0	6 3,8	27 16,9	10 6,3	160 100,0

Fonte: inquérito aos alunos

Tabela 18 Razão da escolha do curso

Questionados sobre se pretendem vir a trabalhar na área do curso (tabela 19), quando o finalizarem, 44,2% não têm qualquer dúvida e 30,1% respondem que vai depender da forma como irá decorrer o estágio². Dos alunos inquiridos 11,5% pretendem ir para a faculdade, após a conclusão do seu curso. Quando se compara esta percentagem com a anterior (tabela 18), verifica-se que existe um maior número de alunos a demonstrarem interesse em prosseguir estudos em relação ao que manifestavam aquando da resposta à pergunta anterior.

CURSO							Total
		Sim, claro	Talvez venha a trabalhar, vai depender do estágio	Após o estágio quero seguir para o ensino superior	Não sei responder	Outra	
DESIGN	Nº DE ALUNOS %	10 ,4	5 ,2	3 ,1	6 ,3	0 0	24 1,0
MULTIMÉDIA	Nº DE ALUNOS %	20 31,7	23 36,5	9 14,3	9 14,3	2 3,2	63 100,0
TGEI	Nº DE ALUNOS %	24 60,0	7 17,5	5 12,5	4 10,0	0 ,0	40 100,0
TEAC	Nº DE ALUNOS %	15 51,7	12 41,4	1 3,4	0 ,0	1 3,4	29 100,0
TOTAL	Nº DE ALUNOS %	69 44,2	47 30,1	18 11,5	19 12,2	3 1,9	156 1,0

Fonte: inquérito aos alunos

Tabela 19 Após a conclusão espera vir a trabalhar na área

² Chama-se aqui a atenção para o facto de nenhum dos alunos, que responderam ao questionário, já o ter realizado.

Para acabar este ponto falta referir qual é o sentir dos alunos em relação à conclusão do seu curso (tabela 20). Aqui pode-se verificar que 81,1% dos alunos mostram intenção de acabar o curso contra apenas 5%. Os que não sabem ficam pelos 13,8 %. Uma nota significativa, à medida que avançam no curso os alunos aumenta a opinião dos que acham que vão terminar o curso, ou seja passam de 69,8%, no 1º ano, para os 93,1% no último ano.

ANO				TOTAL	
		Não	Sim		Não sei
1º	Nº DE ALUNOS	7	44	12	63
	%	11,1	69,8	19,0	100,0
2º	Nº DE ALUNOS	0	31	7	38
	%	0	81,6	18,4	100,0
3º	Nº DE ALUNOS	1	54	3	58
	%	1,7	93,1	5,2	100,0
TOTAL	Nº DE ALUNOS	8	129	22	159
	%	5,0	81,1	13,8	100,0

Fonte: inquérito aos alunos

Tabela 20 Acha que vai terminar o curso

4.4 Análise dos dados recolhidos na escola

Quando analisamos, por ano de escolaridade, os módulos que os alunos, dos quatro cursos, tinham em atraso no final do ano lectivo (tabela 21), constatamos o seguinte:

1º Ano - mais de 30% dos alunos, do conjunto dos 4 cursos, tinham, no final do ano lectivo, um número superior a 20 módulos em atraso (os quais correspondem a uma média de 55,4% dos módulos do 1º ano), sendo que, destes, 7,8% tinham tido insucesso em mais de 30 módulos;

2º Ano – neste caso a situação é um pouco melhor, tendo em conta que os módulos em atraso correspondem ao somatório dos 2 anos de escolaridade, aqui verifica-se que 33,4% dos alunos tinham, no mesmo período, 20 (os quais correspondem a 21,7% dos módulos dos dois anos) ou mais módulos em atraso, dos quais 24,4% referem-se a mais de 30 módulos;

3º Ano – por último neste ano verifica-se que 23,8% dos alunos tinham mais de 21 módulos em atraso (os quais correspondem a uma média de 20,2 % de todos os módulos dos cursos), dois quais 13,4% correspondiam a mais de 30 módulos por fazer³.

³ No número total de módulos em atraso estão incluídos os do 1º e 2º ano

Apenas falta no quadro do 3º ano os alunos que tinham em falta a PAP (Prova de Aptidão Profissional) e a FCT (Formação em Contexto de Trabalho). Cerca de 50% dos alunos inscritos no final do 3º ano (Julho de 2012) não tinham a PAP apresentada, para um total de 164 alunos. Relativamente aos mesmos alunos faltavam 51,8% dos alunos realizar o estágio (FCT)⁴. Se fizermos uma análise global dos três anos de escolaridade nota-se que durante o seu percurso escolar os alunos vão, do ponto de vista dos resultados visíveis (quantidade de módulos terminados), melhorando à medida que avançam nos seus cursos.

1º ANO					2º ANO					3º ANO				
CURSO DE DESIGN					CURSO DE DESIGN					CURSO DE DESIGN				
Nº de mód.	6 a 10	11 a 20	21 a 30	Mais de 30	Nº de mód.	6 a 10	11 a 20	21 a 30	Mais de 30	Nº de mód.	1 a 10	11 a 20	21 a 30	Mais de 30
%	13,6 a 22,7	25 a 45,5	47,7 a 68,2	Mais de 68,2	%	7,1 a 11,9	13,1 a 23,8	25 a 35,7	Mais de 35,7	%	0,9 a 8,5	9,7 a 17,7	18,5 a 26,5	Mais de 26,5
Nº de alun.	5	9	12	1	Nº de alun.	4	5	4	2	Nº de alun.	9	4	2	6
%	12,8	23,1	30,8	2,6	%	22,2	27,8	22,2	11,1	%	23,1	10,3	5,1	15,4
CURSO DE MULTIMÉDIA					CURSO DE MULTIMÉDIA					CURSO DE MULTIMÉDIA				
Nº de mód.	6 a 10	11 a 20	21 a 30	Mais de 30	Nº de mód.	6 a 10	11 a 20	21 a 30	Mais de 30	Nº de mód.	1 a 10	11 a 20	21 a 30	Mais de 30
%	16,2 A 27	29,7 a 54,1	56,8 a 81,1	Mais de 81,1	%	8,1 a 13,5	14,86 a 27	28,4 a 40,5	Mais de 40,5	%	1,0 a 10,0	11,0 a 20,0	21,0 a 30,0	Mais de 30,0
Nº de alun.	4	6	8	6	Nº de alun.	3	1	1	8	Nº de alun.	12	4	5	9
%	8,9	13,3	17,8	13,3	%	6,7	2,2	2,2	17,8	%	26,7	8,9	11,1	20,0
CURSO DE TEAC					CURSO DE TEAC					CURSO DE TEAC				
Nº de mód.	6 a 10	11 a 20	21 a 30	Mais de 30	Nº de mód.	6 a 10	11 a 20	21 a 30	Mais de 30	Nº de mód.	1 a 10	11 a 20	21 a 30	Mais de 30
%	15,8 a 26,3	28,9 a 52,6	55,3 a 78,9	Mais de 78,9	%	8,7 a 14,5	15,9 a 28,9	30,4 a 43,5	Mais de 43,5	%	0,98 a 9,8	10,8 a 19,6	20,6 a 29,4	Mais de 29,4
Nº de alun.	4	4	5	3	Nº de alun.	2	2	0	4	Nº de alun.	5	3	3	1
%	22,2	22,2	27,8	16,7	%	11,1	11,1	0,0	22,2	%	27,8	16,7	16,7	5,6
CURSO DE TGEI					CURSO DE TGEI					CURSO DE TGEI				
Nº de mód.	6 a 10	11 a 20	21 a 30	Mais de 30	Nº de mód.	6 a 10	11 a 20	21 a 30	Mais de 30	Nº de mód.	1 a 10	11 a 20	21 a 30	Mais de 30
%	17,6 a 29,4	32,4 a 58,8	61,8 a 88,2	Mais de 88,2	%	8,8 a 14,7	15,9 a 29	30,9 a 43,5	Mais de 43,5	%	0,99 a 9,9	10,9 a 19,8	20,8 a 29,7	Mais de 29,7
Nº de alun.	5	11	8	1	Nº de alun.	5	5	2	5	Nº de alun.	29	11	7	6
%	12,8	28,2	20,5	2,6	% de alun.	12,8	12,8	5,1	12,8	%	12,8	28,2	17,9	15,4
Nº TOTAL	18	30	33	11	Nº TOTAL	14	13	7	19	Nº TOTAL	55	22	17	22
%	12,8	21,3	23,4	7,8	%	17,9	16,7	9,0	24,4	%	33,5	13,4	10,4	13,4

Fonte: direcção da escola

Tabela 21 Módulos em atraso no final do ano lectivo 2011/2012 e ano de escolaridade

Na tabela seguinte (22) estão mencionados os alunos que no início do ano lectivo 2011/2012 estavam inscritos no 3º ano. Conforme se pode verificar, só 38% dos alunos inscritos neste ano tinham uma única matrícula (ou sejam estavam pela primeira vez no 3º ano), 35% tinham 2 matrículas (eram repetentes desse ano) e 17,8 % estavam pela terceira vez neste ano. Do ponto de resultados concretos, finalização dos cursos no tempo disponível (3 anos), estes resultados não são animadores, mostrando um número elevado de retenções no 3º ano. No entanto, é de salientar o esforço e motivação dos alunos, pese embora a sua dificuldade, em insistirem em terminar os cursos em que se inscreveram.

⁴ Desconhece-se, à data de conclusão deste trabalho, qual o número de alunos que terão terminado as FCT que estavam a realizar, bem como os alunos que iam ainda realizar as PAP durante o mês de Setembro.

TIPO DE MATRÍCULA	CURSO DESIGN		CURSO - MULTIMÉDIA		CURSO TEAC *		CURSO TGEI ** (total de 2 turmas)		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
ALUNOS C/ UMA MATRÍCULA	24	61,5	15	34,9	8	34,8	22	29,3	69	38,3
ALUNOS C/ 2 MATRÍCULAS	11	28,2	17	39,5	10	43,5	25	33,3	63	35,0
ALUNOS C/ 3 MATRÍCULAS	2	5,1	8	18,6	3	13,0	19	25,3	32	17,8
ALUNOS C/ 4 MATRÍCULAS	2	5,1	2	4,7	1	4,3	5	6,7	10	5,6
ALUNOS C/ 5 MATRÍCULAS	0	0,0	1	2,3	1	4,3	3	4,0	5	2,8
ALUNOS C/ 6 MATRÍCULAS	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	1,3	1	0,6
TOTAL	39	100,0	43	100,0	23	100,0	75	100,0	180	100,0
Obs : * - Técnico de Eletrônica, Automação e Comando ; ** Curso de Gestão de Equipamentos Informáticos										

Tabela 22 Matrículas no 3º ano de escolaridade, por curso

CONCLUSÕES

O objectivo deste trabalho era analisar o percurso escolar dos alunos do ensino profissional, tendo em conta três questões fulcrais, nomeadamente a evolução da sua motivação ao longo dos três anos dos cursos, as expectativas quanto ao futuro, bem como a sua trajectória neste tipo de ensino.

Começamos pelas motivações. Uma das particularidades deste tipo de ensino, conforme já foi expresso anteriormente, é a sua ligação à prática, ou seja ao trabalho concreto, ao contrário do ensino regular que possui características mais teóricas, tendo em vista, principalmente o acesso ao ensino superior. Esta ligação ao mundo do trabalho é sublinhada por alguns autores, ao permitir a “...criação de novas possibilidades e esperanças de integração no mercado de trabalho, bem como às redes de sociabilidades geradas nos cursos. Os subsídios aos alunos e os estágios finais são as componentes mais elogiadas” (Guerreiro, 2004: 66) ou, ainda, aquilo que é referido no sítio da Comissão Europeia, “o ensino profissional dá um maior peso aos conhecimentos técnicos e à experiência prática do que aos conhecimentos teóricos. É especialmente interessante para aqueles que preferem aprender um ofício ou adquirir uma qualificação técnica a seguir, por exemplo, um curso universitário” (Comissão Europeia, 2012). Ou seja, quando os alunos ingressam neste tipo de ensino, pelo menos na sua maior parte, têm como objectivo obter qualificações que lhes permitam aceder ao mercado de trabalho.

Quanto às expectativas dos alunos, que frequentam o ensino profissional (no caso concreto os que responderam ao inquérito), é declaradamente trabalhar na área do seu curso ou, pelo menos, estar a pensar nessa hipótese (mais de 70% dos inquiridos responderam desta forma – tabela 19), podendo dizer-se que esta manifestação de interesse é uma grande motivação para levar à conclusão do curso que frequentam.

No que concerne às trajectórias destes alunos, e ainda que os resultados finais não pareçam ser animadores, tanto ao nível dos dados do inquérito como aos do final do ano lectivo (nomeadamente a quantidade de módulos em atraso no final do ano lectivo 2011/2012) há que contar com eles. Porquê? É a pergunta que se pode colocar. Talvez a resposta esteja ligada à falta de alternativas. Num mundo em transformação acelerada, em que cada vez mais os menos preparados são excluídos, conforme já expresso

anteriormente, nada mais resta a estes jovens do que tentarem bater-se sempre por uma vida melhor. Se a sua única esperança é a escola, enquanto meio de alcançarem, ainda que hipoteticamente, um futuro mais risonho, então nada lhes resta senão fazerem o seu melhor para não ficarem fora do comboio da história.

Na citação de Iturra, que deu início a este trabalho, está referido que “o processo educativo é o comportamento que mais marca o quotidiano das nossas vidas” (Iturra, 2009: 6). Ou seja, a escola não é apenas mais uma marca que fica num determinado momento da vida, ela é a marca que traça o nosso futuro. Pese embora tudo o que se possa dizer sobre a escola, contra ou a favor, ela ainda faz a diferença no mundo actual. No entanto, tem vindo a ocorrer um processo de transformação, principalmente nos últimos anos, que está a alterar esta visão da escola.

“ Numa sociedade hierarquizada, marcada por um crescente desajuste entre o sistema de produção de diplomas, o sistema de produção de empregos e perante a impossibilidade de garantir a sua adequação recíproca, a escola é colocada perante uma contradição insolúvel, a de não lhe ser possível “democratizar o elitismo” (expressão de Bernard Charlot) e que constituiria a única forma de responder positivamente às expectativas nela depositada.” (Canário, 2002: 148).

A escola pode não ser, neste mundo actual em que nos encontramos, a solução para os problemas que enfrentamos, mas aquilo que temos de perguntar a nós próprios, e aos outros, é se existe, no imediato, uma alternativa que possamos apresentar aos nossos alunos. Se esta alternativa não existe, ou se a única solução é estar-se sentado à espera que chegue uma ideia nova que venha alterar a nossa forma de se apreender o mundo que nos rodeia, então, salvo melhor opinião, devemos continuar a aceitá-la com todos os problemas inerentes à mesma. Conscientes da situação actual da escola e do ensino, vamos partir para a análise final dos resultados obtidos.

Aquilo que era referido por alguns autores como “...os insucessos e reprovações, o desinteresse pelas matérias, os círculos de amigos e a vontade de trabalhar, ganhar dinheiro ou conquistar autonomia tendem a convergir e a acumular-se em trajectórias de exclusão da escola” (Guerreiro, 2004; 56), está a alterar-se. Esta alteração deve-se mais às condições envolventes, nomeadamente aos problemas económicos que se têm vindo a verificar em Portugal, com particular ênfase no desemprego dos jovens, do que a uma transformação dos alunos. Os insucessos e reprovações não deixaram de existir. Veja-se

os resultados deste estudo de caso, nomeadamente o percurso escolar dos alunos antes da sua entrada no ensino profissional. O que falta são os empregos. Esta ausência de trabalho, principalmente para aqueles que não possuem as qualificações mínimas, leva a que “...os jovens (sejam) incitados a ir mais além nos estudos, na busca de uma melhor ocupação no emprego e de uma carreira profissional mais satisfatória, não estando em questão se os empregos concretos disponíveis vão ou não requerer esse tipo e nível de formação” (Azevedo, 2000; 199).

Regressando aos alunos, objecto deste estudo, há um dado “curioso” referido por todos os coordenadores de curso, a menor preparação dos jovens que entram no ensino profissional, relativamente aos que passaram no passado por esta escola. Se o “...sucesso ou insucesso dependem em primeiro lugar do mérito do próprio aluno, o qual integra para além dos dotes naturais o esforço despendido” (Seabra, 2009: 76), então o que está por detrás destes alunos é a sua motivação e esforço e não propriamente os seus dotes naturais, leia-se a sua capacidade de aquisição de conhecimentos. Esta não pode, no entanto, estar desligada da origem social dos alunos, nomeadamente quando temos mais de 50% dos pais e 60% das mães com uma escolaridade máxima de nove anos, ou seja inferior à dos alunos inquiridos.

O que falta saber é se a diferença apontada pelos coordenadores se deve só à menor preparação dos alunos, ou então se esta está ligada à entrada para este ensino de todos aqueles que, em situação “normal” (leia-se aqueles que no passado já estariam a trabalhar em qualquer emprego desqualificado), não teriam prosseguido estudos. Esta dúvida só poderia ser esclarecida caso se viessem a realizar entrevistas aos alunos, que permitissem identificar as razões adjacentes à sua vinda para os cursos profissionais.

Se quisermos reflectir sobre um trabalho de continuação deste, que aqui se finaliza, dever-se-ia partir para a análise das verdadeiras motivações que movem esta juventude no prosseguimento dos estudos, através da utilização de entrevistas aos alunos que permitissem aprofundar as razões adjacentes à sua aposta na escola. Necessidade de se preencher um vazio, motivado pela falta de trabalho, ou existência de uma esperança própria da idade dos que frequentam a escola sobre um futuro que há-de ser diferente para melhor do actual. Ingenuidade? Talvez, mas qual é a alternativa?

BIBLIOGRAFIA

- Abrantes, Pedro (2003), Identidades Juvenis e Dinâmicas de Escolaridade, *Sociologia Problemas e Práticas* n° 41, pp. 93-115
- Alves, Natália e outros (2001), “Educação e Formação: Análise Comparativa dos Subsistemas de Qualificação Profissional de Nível III”, *Estudos e Análises* n° 27, Lisboa, IIEFP
- Alves, Natália (2008), *Juventudes e Inserção profissional*, Lisboa, Educa
- Almeida, Ana Nunes e Maria Manuela Vieira (2006), *A Escola em Portugal*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais
- Almeida, João Ferreira e José Madureira Pinto (1976), *A Investigação nas Ciências Sociais*, Lisboa, Editorial Presença – Livraria Martins Fontes
- Antunes, Fátima (2004), *Políticas Educativas Nacionais e Globalização. Novas Instituições e Processos Educativos*, Braga, Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia
- Antunes, Fátima (2005), “Globalização e Europeização das Políticas Educativas. Percursos, Processos e Metamorfoses”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n° 47, pp. 125-143
- Azevedo, Joaquim (1991), *Educação tecnológica, Anos 90*, Rio Tinto, Edições ASA
- Azevedo, Joaquim (1999), *Inserção Precoce de Jovens no Mercado de Trabalho*, Lisboa, Edição PEETI
- Azevedo, Joaquim (2000), *O ensino secundário na Europa*, Porto, Edições ASA
- Cabral, Manuel V., Rui Canário e outros (2002), *Espaços de Educação, Tempos de Formação*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
- Capucha, Luís (2010), “Acesso Universal a qualificações Certificadas: Para a Ruptura da Relação entre Insucesso Escolar e Desigualdades Sociais”, *Revista Forum Sociológico* n° 20, pp. 47-55

Capucha, Luís (1998) – “Exclusão Social e Acesso ao Emprego: paralelas que podem convergir”, *Sociedade e Trabalho* n° 3, pp. 60-69

Canário, Rui (2005), *O que é a Escola? Um “olhar” sociológico*, Porto, Porto Editora

Carneiro, Roberto (coord.) (2000), *Aprender e trabalhar no Século XXI, tendências e Desafios*, Lisboa, Ministério do Trabalho e da Solidariedade

Comissão Europeia (2010), *Um Ensino Profissional Renovado*, .
(http://ec.europa.eu/news/culture/100609_pt.htm)

Enguita, M Fernández (2006), *Educación en tiempos inciertos*- Madrid, Ediciones Morata, S.L. 2ª ed.

INE (2012) - *Estatísticas do Emprego 2012 2ª Trimestre*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística, IP

Guerreiro, Maria das Dores e Pedro Abrantes (2004), *Transições Incertas – Os jovens perante o trabalho e a família*, Lisboa, DGEEP, Estudos n°2

Hummel, Charles, (1979) – *A Educação de Hoje face ao Mundo de Amanhã*, Lisboa, Edições António Ramos

Iturra, Raul (2009), *O Processo Educativo: ensino ou aprendizagem*, <http://repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/1516>

Lima, Marinús Pires (1973) – *O Inquérito Sociológico, Cadernos GIS N° 4*, Lisboa, Gabinete de Investigações Sociais

Mateus, Sandra (2002), “Futuros Prováveis, Um olhar sociológico sobre os projectos de futuro no 9º ano”, *Sociologia Problemas e Práticas*, n° 39, Lisboa, p.p. 117-149

Nóvoa, António, Jonh Meyer e outros (2000)– *A difusão mundial da escola* Lisboa, Educa e Autores

Perrenoud, Philippe (1995), *Ofício de Aluno e Sentido do Trabalho Escolar*, Porto, Porto Editora

Perrenoud, Philippe (2003), *Porquê construir competências a partir da escola ?*, Cadernos do CRIAP n° 28, ASA, Porto, Editores, S.A.

Rodrigues, Liliana (2011), *Ensino Profissional, O Estigma das Mãos Mais do que a Cabeça*, Mangualde, Edições Pedagogo, Lda,

Seabra, Teresa (2009), “Desigualdades Escolares e Desigualdades Sociais”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 59, pp. 75-106

Silva, Augusto S. e José Madureira Pinto (1987), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento

Vários autores (1998), *Educação, Formação e Trabalho*, Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda

ANEXOS

Anexo 1

Quadros das disciplinas dos 4 cursos

CURSO TÉCNICO DE DESIGN

COMPONENTES DE FORMAÇÃO	UNIDADES DE FORMAÇÃO	TOTAL DE HORAS/CICLO DE FORMAÇÃO
Científica	História da Cultura e das Artes	200
	Geometria Descritiva	200
	Matemática	100
	Subtotal	500
Técnica	Desenho de comunicação	220
	Tecnologias: Desenho Assistido por Computador	300
	Materiais e Tecnologias	280
	Design:	400
	Design Industrial	
	Design de Interiores/Exteriores	
	Design de Equipamento	
Formação em Contexto de Trabalho	420	
Subtotal	1600	
Carga horária do curso s/sociocultural		2100

CURSO TÉCNICO DE MULTIMÉDIA

COMPONENTES DE FORMAÇÃO	UNIDADES DE FORMAÇÃO	TOTAL DE HORAS/CICLO DE FORMAÇÃO
Científica	História da Cultura e das Artes	200
	Matemática	200
	Física e Química	100
	Subtotal	500
Técnica	Sistemas de Informação	
	Design, Comunicação e Audiovisuais	480
	Técnicas de Multimédia	350
	Projecto e Produção Multimédia	350
	Formação em Contexto de Trabalho	420
Subtotal	1600	
Carga horária do curso s/sociocultural		2100

CURSO TÉCNICO DE ELECTRÓNICA , AUTOMAÇÃO E COMANDO

COMPONENTES DE FORMAÇÃO	UNIDADES DE FORMAÇÃO	TOTAL DE HORAS/CICLO DE FORMAÇÃO
Científica	Matemática	300
	Física e Química	200
	Subtotal	500
Técnica	Electricidade e Electrónica	349
	Tecnologias Aplicadas	282
	Sistemas Digitais	186
	Automação e Comando	363
	Formação em Contexto de Trabalho	420
Subtotal	1600	
Carga horária do curso s/sociocultural		2100

CURSO TÉCNICO DE GESTÃO DE EQUIPAMENTOS INFORMÁTICOS

COMPONENTES DE FORMAÇÃO	UNIDADES DE FORMAÇÃO	TOTAL DE HORAS/CICLO DE FORMAÇÃO
Científica	Matemática	300
	Física e Química	200
	Subtotal	500
Técnica	Electrónica Fundamental	258
	Instalação e Manutenção de Equipamentos Informáticos	300
	Sistemas Digitais e Arquitectura de Computadores	406
	Comunicação de Dados	216
	Formação em Contexto de Trabalho	420
Subtotal	1600	
	Carga horária do curso s/sociocultural	2100

Anexo 2

Inquérito aos alunos

Ensino Profissional - Inquérito aos alunos dos 1º, 2º e 3º anos

Este questionário é anónimo e integra-se num trabalho de investigação sobre o ensino profissional. Em todo o processo é garantida a confidencialidade das respostas dadas. Para responder às perguntas de resposta fechada marque com X a que considera mais adequada para si. Em relação às perguntas abertas escreva uma resposta o mais curta possível. Desde já agradeço a sua disponibilidade.

1. Ano que frequenta

- 1º Ano
- 2º Ano
- 3º Ano

2. Sexo

- Masculino
- Feminino

3. Qual é o curso que frequenta ?

- Técnico de Design
- Técnico Multimédia
- Técnico de Gestão de Equipamentos informáticos
- Técnico de Electrónica Automação e Comando

4. Qual a principal razão que o/a levou a escolher o curso que frequenta ? Escolha a resposta que mais se adequa ao seu caso

- Ter uma profissão ligada ao curso
- Querer acabar o 12º ano
- Aceder à faculdade de uma maneira mais fácil
- Ter uma formação mais prática
- Outra:

5. Quem o influenciou na escolha do curso que frequenta ?

- Ninguém
- O meu pai e/ou a minha mãe
- Um outro familiar
- Amigos/colegas
- Outra:

6. Chegou a frequentar o ensino secundário regular (entre o 10º e o 12º)

- Sim
- Não

7. Se respondeu sim na pergunta anterior identifique qual o último ano que frequentou no ensino regular

- 10º ano
- 11º ano
- 12º ano

8. Qual foi a escola que frequentou anteriormente? Identifique igualmente qual foi o último ano que frequentou antes de entrar na sua actual escola

9. Ao longo da sua trajectória escolar (anterior ao actual curso profissional) alguma vez reprovou ?

- Não
- Sim

10. Se respondeu sim indique quantas vezes reprovou Se respondeu não passe para a pergunta 12

- Uma vez
- Duas vezes
- Mais de duas vezes

11. Caso tenha reprovado, qual das seguintes razões considera a mais válida para o seu insucesso na escola

- Não gostava de andar na escola
- Não gostava de estudar
- Faltava muito às aulas
- Tinha problemas familiares
- Tive de ir trabalhar
- Outra:

12. Caso tenha interrompido os seus estudos, antes de entrar no ensino profissional, qual a razão principal para que isso tenha acontecido Se não interrompeu os seus estudos passe para a pergunta 15

- Não gostava de estudar
- O que aprendia na escola não tinha para mim qualquer utilidade
- Tive necessidade de ir trabalhar
- Outra:

13. No caso de ter interrompido os estudos qual a razão que o(a) levou a voltar a estudar ? Caso não tenha interrompido passe à pergunta 14 .

14. Considera que vinha bem preparado(a) quando entrou para a escola que está a frequentar ?

	1	2	3	4	5	
Nada preparado (a)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito preparado (a)

15. Qual foi o seu grau de dificuldade de adaptação ao ensino profissional ?

	1	2	3	4	5	
Muita dificuldade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nenhuma dificuldade

16. Quando tem dificuldade nos estudos pede ajuda a alguém ? Se responder não passe para a pergunta 19

- Não
- Sim

17. Quais são as situações em que pede ajuda ?

- Antes dos testes
- Quando tem dúvidas
- Quando tem negativas
- Ao longo das aulas
- Outra:

18. Se respondeu sim quem o (a) ajuda ?

- Pai
- Mãe
- Irmãos
- Outra:

19. Considera que o tempo de duração diário das aulas é :

- Longo
- Normal
- Curto
- Sem opinião

20. Como avalia o curso profissional que está a frequentar ?

	A Insuficientes	B. Suficientes	C. Bons	D. Muito bons	E. Sem opinião
1. Conhecimentos teóricos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	A Insuficientes	B. Suficientes	C. Bons	D. Muito bons	E. Sem opinião
2. Conhecimentos práticos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Interesse das matérias dadas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Utilidade das matérias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Conhecimentos de cultura geral	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

21. Quantos módulos tem em atraso ? Se não tiver módulos em atraso passe para a pergunta 24

- Nenhum
- Um módulo
- Dois módulos
- Mais de dois e menos de cinco módulos
- Entre cinco (inclusive) e dez módulos (inclusive)
- Mais de dez módulos
- Não sei

22. Como espera recuperar o(s) módulo (s) em atraso ?

- Vou recuperar o mais depressa possível
- Vou recuperar no final do período
- Vou recuperar no final do ano lectivo
- Vou recuperar para o ano
- Não sei se vou recuperar
- Outra:

23. Considera que vai terminar este curso ?

- Não
- Sim
- Não sei

24. O curso está a corresponder à sua expectativa ?

- Não
- Sim
- Em parte

25. Aconselharia um (a) amigo (a) seu (sua) a frequentar este curso ?

- Não
- Sim
- Talvez

26. Justifique por favor a sua resposta anterior

27. Na escola o que é mais importante para si ?

- Aprender
- Ir fazendo os módulos
- Não faltar às aulas
- Estar com os colegas
- Outra:

28. Qual o aspecto que considera mais importante para o seu sucesso na escola ?

- As condições oferecidas pela escola (salas e meios técnicos)
- Os professores
- A direcção da escola
- O/A OET
- A ajuda dos colegas
- Outra:

29. No final do 3º ano vai realizar um estágio curricular. Considera que este é :

	1	2	3	4	5	
Nada importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito importante

30. Após a realização do estágio curricular espera vir a trabalhar na área do seu curso profissional ?

- Sim, claro
- Talvez venha a trabalhar, vai depender do estágio
- Ainda é muito cedo para decidir
- Após o estágio quero seguir para o ensino superior
- Não sei responder
- Outra:

31. Que espera do seu estágio curricular em contexto de trabalho ?

- Aprender a trabalhar em grupo
- Melhorar os meus conhecimentos práticos sobre o que aprendi na escola
- Aumentar a minha capacidade de integrar-me no mercado de trabalho
- É apenas mais uma componente do curso que estou a frequentar
- Não sei responder

32. Qual é para si a importância que os professores têm na sua motivação e sucesso escolar

1 2 3 4 5

Nada importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito importante
-----------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	------------------

33. Qual é a importância para si do OET (Orientador Educativo de Turma)

1 2 3 4 5

Nada importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito importante
-----------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	------------------

34. Qual é a importância do(a) coordenador(a) de curso

1 2 3 4 5

Nada importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito importante
-----------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	------------------

35. Está actualmente a desempenhar algum trabalho pago ? No caso de responder não, ou não quero responder, passe para a pergunta 39

- Não
- Sim
- Não quero responder

36. Se respondeu sim na pergunta anterior indique por favor o tipo de horário que tem

- Trabalho a tempo parcial todos os dias , excepto fins de semana
- Só trabalho aos fins de semana
- Trabalho a tempo inteiro mas só da parte da tarde
- Tenho um horário por turnos rotativos
- Outra:

37. Indique por favor qual é para si a importância do trabalho que desempenha

1 2 3 4 5

Nada importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito importante
-----------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	------------------

38. Qual a razão principal que o/a levou a trabalhar e a estudar ao mesmo tempo ? Escolha apenas uma das alternativas mencionadas

- Necessidade de ter dinheiro para as minhas despesas
- Ajudar os meus pais
- Ajudar a suportar os custos com a minha formação
- Começar a ganhar alguma experiência profissional
- Outra:

39 Quem é o seu encarregado de educação ?

- Eu próprio (a)
- O meu pai
- A minha mãe
- Outra:

40. Quando existem reuniões na escola o seu encarregado de educação está presente ? Só para os alunos que não são os seus encarregados de educação

- Sempre
- Na maior parte das vezes
- Raramente
- Nunca

41. Qual é a localidade onde mora ?

42. Em que ano nasceu ?

- Antes de 1989
- 1989
- 1990
- 1991
- 1992
- 1993
- 1994
- 1995
- 1996
- Depois de 1996

43. Onde é que nasceu ?

- Portugal
- Cabo Verde
- Guiné-Bissau
- S Tomé e Príncipe
- Angola
- Outra:

44. Qual é o grau de escolaridade do seu pai

- Não tem quaisquer habilitações
- Tem a antiga escolaridade obrigatória (4ª classe)
- Tem o 9º ano de escolaridade
- Frequentou o ensino secundário
- Tem o ensino secundário completo
- Tem frequência do ensino superior
- Tem um bacharelato/licenciatura
- Tem um mestrado/doutoramento
- Não sei

45. Qual é a profissão do seu pai ?

- Patrão
- Trabalha por conta de outro (empregado)
- Trabalha por conta própria (profissão liberal)
- Outra:

46. Qual é o grau de escolaridade da sua mãe

- Não tem quaisquer habilitações
- Tem a antiga escolaridade obrigatória (4ª classe)
- Tem o 9º ano de escolaridade
- Frequentou o ensino secundário
- Tem o ensino secundário completo
- Tem frequência do ensino superior
- Tem um bacharelato/licenciatura
- Tem um mestrado/doutoramento
- Não sei

47. Qual é a profissão da sua mãe ?

- Patroa
- Trabalha por conta de outro (empregada)
- Trabalha por conta própria (profissão liberal)
- Outra: